

Natal do Senhor. Missa da Noite (Vigília). Ano Litúrgico A. Mateus
24 de Dezembro de 2010

Hoje nasceu um Menino!

(Cf. Apocalipse 7,17)

Calendas

O hino de Calendas é próprio da Liturgia Latina. Canta-se na Vigília do Natal na Igreja Romana, em geral no posto do Kyrie. Ele expressa, dentro de um conjunto conceitual próprio de seu tempo de composição, o fato da Encarnação ser histórica e portanto real.

Oitavo dia para as Calendas de Janeiro
Lua vigésima primeira...
Transcorridos muitos séculos
da criação do mundo,
Quando no princípio Deus
havia criado o Céu e a Terra
E havia feito o Homem à sua imagem...
E muitos séculos de quando,
depois do dilúvio,
O Altíssimo
— seja Ele bendito eternamente! —
Havia feito resplandecer o arco-íris,
Sinal de Aliança e de Paz...
Vinte e um séculos
depois da partida de Ur dos Caldeus
De Abraão, nosso Pai na Fé...
Cerca de mil anos depois da unção de Davi
Como Rei de Israel...
Na sexagésima quinta semana

Segundo a Profecia de Daniel...
Na época da centésima
nonagésima quarta Olimpíada...
No ano 752 da fundação de Roma...
No quadragésimo segundo ano
do Império de Otaviano Augusto...
Quando em todo o mundo reinava a paz...
Jesus Cristo, Deus Eterno
e Filho do Eterno Pai,
Querendo santificar o mundo
com a sua vinda,
Tendo sido concebido
pela ação do Espírito Santo,
Passados nove meses,
nasce em Belém da Judéia,
Da Virgem Maria, feito Homem!
Este é o Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo
Segundo a Natureza Humana!

Note-se que, para a Solenidade do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo, existem quatro formulários litúrgicos. O primeiro é chamado "Missa da Vigília", reservado para a noite anterior ao dia 25. O segundo, chamado "Missa da Noite", é o mais utilizado na noite do dia 24. É este que aqui se segue. O terceiro é chamado "Missa da Aurora", ou da manhã do dia 25. Quase nunca é utilizado. E finalmente o quarto é chamado de "Missa do Dia": este é usado, em geral, durante todo o dia 25.



I. Introdução

[1] Antífona de entrada

Salmo 2,7

O Senhor me disse: “És o meu Filho, eu hoje te gerei”.

ou: Alegremo-nos todos no Senhor;
Hoje nasceu o Salvador do mundo,
desceu do céu a verdadeira paz”

[2] Oração do dia

Ó Deus,
que fizestes resplandecer esta noite santa
com a claridade da verdadeira luz,
concede que, tendo vislumbrado na terra este mistério,
possamos gozar no céu sua plenitude.
Por nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho,
na unidade do Espírito Santo. Amém!

II. Liturgia da Palavra

[3] Primeira leitura

Leitura do Livro do Profeta Isaías

Isaías 9,1-6

Foi-nos dado um filho.

¹ O povo que andava na escuridão, viu uma grande luz;
para os que habitavam nas sombras da morte, uma luz resplandeceu.

² Fizeste crescer a alegria, e aumentaste a felicidade;
todos se regozijam em tua presença como alegres ceifeiros na colheita
ou como exaltados guerreiros ao dividirem os despojos.

³ Pois o jugo que oprimia o povo,
— a carga sobre os ombros, o orgulho dos fiscais —
tu abateste como na jornada de Madiã.

⁴ Botas de tropa de assalto, trajes manchados de sangue,
tudo será queimado e devorado pelas chamas.

⁵ Porque nasceu para nós um menino, foi-nos dado um filho;
ele traz aos ombros a marca da realeza;
o nome que lhe foi dado é: Conselheiro admirável, Deus forte,
Pai dos tempos futuros, Príncipe da paz.

⁶ Grande será o seu reino e a paz não há de ter fim
sobre o trono de Davi e sobre o seu reinado,
que ele irá consolidar e confirmar em justiça e santidade,
a partir de agora e para todo o sempre.
O amor zeloso do Senhor dos exércitos há de realizar estas coisas.
Palavra do Senhor.

[4] Salmo responsorial

Salmo 95(96), 1–2a.2b–3.11–12.13

**Hoje nasceu para nós
o Salvador, que é Cristo, o Senhor.**

- == ¹ Cantai ao Senhor Deus um canto novo, †
Cantai ao Senhor Deus ó terra inteira! *
^{2a} Cantai e bendizei seu santo nome!

**Hoje nasceu para nós
o Salvador, que é Cristo, o Senhor.**

- == ^{2b} Dia após dia anunciai sua salvação, †
³ manifestai a sua glória entre as nações, *
e entre os povos do universo seus prodígios.

**Hoje nasceu para nós
o Salvador, que é Cristo, o Senhor.**

- ¹¹ O céu se rejubile e exulte a terra, *
aplauda o mar com o que vive em suas águas;
— ¹² os campos com seus frutos rejubilem *
e exultem as florestas e as matas

**Hoje nasceu para nós
o Salvador, que é Cristo, o Senhor.**

- ¹³ na presença do Senhor, pois ele vem, *
porque vem para julgar a terra inteira.
— Governará o mundo todo com justiça, *
e os povos julgará com lealdade.

**Hoje nasceu para nós
o Salvador, que é Cristo, o Senhor.**

[5] Segunda leitura**Leitura da Carta de São Paulo a Tito**

Tito 2,11–14

Manifestou-se a bondade de Deus para toda a humanidade.

Caríssimo: ¹¹ A graça de Deus se manifestou trazendo salvação para todos os homens.
¹² Ela nos ensina a abandonar a impiedade e as paixões mundanas
e a viver neste mundo, com equilíbrio, justiça e piedade,
¹³ aguardando a feliz esperança
e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo.
¹⁴ Ele se entregou por nós, para nos resgatar de toda maldade
e purificar para si mesmo um povo que lhe pertença
e que se dedique a praticar o bem.
Palavra do Senhor.

[6] Aclamação ao Evangelho

Lucas 2,10–11

Aleluia, Aleluia, Aleluia!

Eu vos trago a boa nova de uma grande alegria:
é que hoje vos nasceu o Salvador, Cristo, o Senhor.

Aleluia, Aleluia, Aleluia!

[7] Evangelho

Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas Lucas 2,1-4

Hoje, nasceu para vós um Salvador.

- ¹ Aconteceu que naqueles dias,
César Augusto publicou um decreto,
ordenando o recenseamento de toda a terra.
- ² Este primeiro recenseamento foi feito quando Quirino era governador da Síria.
- ³ Todos iam registrar-se cada um na sua cidade natal.
- ⁴ Por ser da família e descendência de Davi,
José subiu da cidade de Nazaré, na Galiléia,
até a cidade de Davi, chamada Belém, na Judéia,
- ⁵ para registrar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida.
- ⁶ Enquanto estavam em Belém,
completaram-se os dias para o parto,
⁷ e Maria deu à luz o seu filho primogênito.
Ela o enfaixou e o colocou na manjedoura,
pois não havia lugar para eles na hospedaria.
- ⁸ Naquela região havia pastores que passavam a noite nos campos,
tomando conta do seu rebanho.
- ⁹ Um anjo do Senhor apareceu aos pastores,
a glória do Senhor os envolveu em luz,
e eles ficaram com muito medo.
- ¹⁰ O anjo, porém, disse aos pastores: “Não tenhais medo”
Eu vos anuncio uma grande alegria, que o será para todo o povo:
- ¹¹ Hoje, na cidade de Davi,
nasceu para vós um Salvador, que é Cristo Senhor.
- ¹² Isto vos servirá de sinal:
Encontrareis um recém-nascido envolvido em faixas e deitado na manjedoura”.
- ¹³ E, de repente, juntou-se ao anjo uma multidão da corte celeste.
Cantavam louvores a Deus, dizendo:
- ¹⁴ “Glória a Deus no mais alto dos céus,
e paz aos homens por ele amados”.
- Palavra da Salvação.

III. Liturgia Eucarística

[8] Oração sobre as oferendas

Acolhei, ó Deus,
a oferenda da festa de hoje,
na qual o céu e a terra trocam seus dons,
e dai-nos participar da divindade
daquele que uniu a vós a nossa humanidade.
Por Cristo, nosso Senhor. Amém!

[9] Antífona de Comunhão

João 1,14

O Verbo se fez carne, e vimos a sua glória.

[10] Depois da comunhão

Senhor nosso Deus,
ao celebrarmos com alegria
o Natal do nosso Salvador,
dai-nos alcançar por uma vida santa
seu eterno convívio.
Por Cristo, nosso Senhor.

IV. Comentários bíblico–teológicos

[11] Um canto novo — O Salmo 95, na tradição hebraica 96, é um hino de alegria e exultação. O texto litúrgico desta Vigília apresentam poucos versículos, menos da metade. O texto faz parte de um conjunto maior de Salmos, de 92(93)—98(99), em que o tom de alegria e exultação divide espaço com o triunfo, a soberania e a admoestação ao seguimento do soberano Senhor.

O Salmo 95 tem claras ligações com o texto do segundo Isaías, ou Livro da Consolação de Israel. Neste sentido ele está em sintonia com o texto de Isaías 9,1–6, muito embora não faça parte do segundo Isaías, mas sim do primeiro Isaías e está em sintonia com aquele; isto será desenvolvido aqui no devido lugar. O texto parece ser composto de muitas frases de Salmos diversos, como o 32(33); 144(145),1.9; etc. Vale-se de repetições e imperativos verbais. Disto pode-se tirar uma conclusão prévia: o fiel deve exultar intensamente pela ação de Deus; isto não é uma escolha, uma possibilidade, mas é uma obrigação, um imperativo. Esta exultação é como uma confirmação de sua adesão ao Deus da Aliança e um reconhecimento de fé, uma profissão de fé, na ação deste mesmo Deus.

Os verbos no imperativo estão na segunda pessoa do plural, o que sugere que sejam os povos, as outras nações, citadas no v. 3, que devem cantar e anunciar. Não é apenas o povo da Aliança que reconhece a ação de seu Deus, mas todos os povos devem reconhecê-lo.

A salvação deve ser apresentada como em um arauto (v. 2b). Sua glória é esta própria salvação. Os céus e a terra, isto é, o cosmo, o mundo na mentalidade judaica, deve também exultar. O mar deve aplaudir, o que pode ser comparável ao som das ondas. A Salvação de Deus é extensiva a toda a criação ou natureza. Até o mar e seus habitantes devem exultar.

O motivo desta alegria está na vinda do Senhor. No texto do Salmo este Senhor vem com autoridade para julgar e governar (v. 13); na leitura cristã o Senhor vem para estabelecer o a comunhão entre os homens. Por isso a Liturgia atribui a este Salmo o refrão “Hoje nasceu para nós / o Salvador que é o Cristo, o Senhor!”. A alusão é messiânica, embora em nenhum momento no Salmo apareça a palavra “rei” ou “realeza”. O contexto, contudo, conduz para este sentido e categoria. O orante deve reconhecer no texto sálmico o convite à exultação pelo nascimento do Messias Salvador.

Uma expressão muito interessante é o substantivo “hoje”, presente no refrão. “Hoje” pode significar o “dia” por excelência e pode também expressar um tempo sem limite. Hoje pode ser, então, sempre. O tempo faz parte do cosmo e integra o mundo, junto ao céu, a terra, o mar, as florestas, matas e campos. Este hoje pode ser o tempo presente, a história de cada orante, sua vida, seu passado e seu futuro. Tudo isto pode ser salmo pelo Cristo, o Senhor. Assim, “hoje”, “Salvador” e “Cristo, o Senhor” formam um conjunto importante para a compreensão da solenidade celebrada.

[12] *...Príncipe da paz!* — O cristianismo vê Isaías como o Profeta do Advento e da Encarnação. Para o judaísmo ele é o Profeta da consolação, do retorno do Exílio e do início de uma vida renovada, sob a luz da Aliança. As páginas de Isaías expressam sentimentos, experiências e imagens que enriquecem profundamente o imaginário bíblico. Na perícopie litúrgica da Vigília de Natal encontra-se este belo texto com uma notável estrutura literária.

O texto em questão é do primeiro Isaías (ou “proto Isaías”, capítulos 1—39). Esta parte do Livro do Profeta é pré-exílica, do séc. VIII, bem antes do movimento chamado deuteronomista. Mas estes versículos parecem estar deslocados em relação ao conjunto desta parte de Isaías. O texto de 9,1—6 sugerem ser mais do segundo Isaías, ou Livro da Consolação de Israel (também chamado de “deutero Isaías”, capítulos 40—59. Nesta parte de Isaías o Povo da Aliança pôde ler o chamado à reconstrução de sua história e à projeção de seu futuro, sempre à luz da Aliança. Mesmo o texto não sendo parte literal do “Livro da Consolação” parece ser necessária uma contextualização do mesmo, o que pode também levar à compreensão da perícopie desta Vigília.

Os deportados do reino do Norte, Israel, depois da catástrofe de 721 aC., foram levados para a Assíria que, aos poucos, foi eliminando os mais fracos sob o jugo de trabalhos pesados. Israel foi assimilada pelos assírios e desapareceu da História. Em 581 aC. chegou a vez de Judá, o reino do Sul, liderado ainda pelos descendentes da monarquia davídica. Foi a catástrofe da deportação para Babilônia e o início do Exílio, período fatal para a história pregressa de Judá livre mas, paradoxalmente, período fundamental para o restabelecimento da história e da esperança no Deus da Aliança. Assim é que a segunda parte do Livro de Isaías começa com o convite: “Consolai, consolai o meu povo, diz o Senhor...” (40,1). Por isso é chamado de Livro da consolação — esta deve ser entendida como o restabelecimento da liberdade, da vida relativamente autônoma e, conseqüentemente, do protagonismo da história.

O texto de 9,1—6, como foi dito atrás, embora faça parte literal do primeiro Isaías, tem o tom e a teologia que remetem ao segundo Isaías. O Profeta anuncia uma luz aos que andavam nas trevas. O conceito bíblico de treva ou escuridão é bem amplo, podendo ir de pecados pessoais, crises políticas, militares até a ausência de liderança. A imagem de um povo que andava nas trevas e que vê uma luz é muito próxima do anúncio do retorno dos exilados. A própria imagem da luz é semelhante ao vislumbre do futuro dos que estavam cativos e podem agora voltar ao seu mundo. Claramente que a Liturgia cristã deve entender esta exultação como a constatação de tempos novos, de uma história renovada. É chegado o tempo do Messias!

[13] **Um mundo renovado pelo Messias esperado** — O Messias vem como um menino, o que sinaliza sua fragilidade aparente, contrastando com os poderes das trevas. Ele será pródigo em qualidades que exaltam sua personalidade: “conselheiro maravilhoso”, “Deus forte”, “Pai dos tempos futuros”, “príncipe da paz” (v. 5). Todas estas qualidades mereceriam uma análise cuidadosa, o que vai além dos limites deste comentário. Salta aos olhos o substantivo “Deus”, qualificado como “forte”, e o substantivo “Pai”, com poder sobre os tempos futuros. É difícil ao cristianismo não encontrar no texto a menção à paternidade de Deus. Contudo, o mistério da Encarnação, celebrado no Natal, diminui o acento nesta noção de paterni-

dade e remete à imagem de “príncipe”, de maneira que as duas imagens mais destacadas parem ser a do “menino” que nasceu “para nós”, e o “príncipe da paz”. A ele são atribuídos sinais que são os mesmos do Messias: justiça, santidade e amor zeloso (v. 6). Note-se também que o messianismo davídico é o tema central deste texto, quando sua conclusão é marcada pelo “trono de Davi” e “seu reinado” (v. 6).

O texto isaiano é de notável força poética (seria de se notar a estrutura textual, com vários segmentos em paralelo, o que é muito próprio da poesia hebraica) e de expressão teológica que aparece também, como já foi repetido, no Livro da Consolação, em Isaías 40—55. O cristianismo lê este texto na chave messiânica, como uma declaração de confiança na presença do Senhor que transforma a história a partir de suas intervenções históricas.

[14] As virtudes do cristianismo — A carta de Paulo a Tito é breve, mas apresenta passos interessantes. A pequena perícopé desta Vigília natalina completa o tema que pode ter sido aberto na perícopé de Isaías. Lá eram apresentados os atributos do Messias que foi dado ao povo da Aliança: justiça, santidade e amor zeloso; aqui, em Tito, Paulo insiste na vivência no mundo com “equilíbrio, justiça e piedade” (v. 12). A felicidade e a alegria anunciadas em Isaías têm agora o motivo de sua existência: “a feliz esperança e a manifestação da glória de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo” (v. 13). Esta manifestação é, para Paulo, a pregação de Jesus e sua consequente morte e ressurreição, mas pode ser entendida também como seu nascimento, sua apresentação ao mundo e à história.

Esta perícopé paulina apresenta, entre tantos, quatro conceitos fundamentais: “graça de Deus” (v. 11), “glória” (v. 13), entrega de Jesus Cristo “por nós” e resgate (v. 14). A graça de Deus foi manifestada, isto é, aconteceu, pôde e ainda pode ser demonstrada na vida dos fieis e nas suas ações. A glória é a superioridade de Jesus Cristo, que é o Messias esperado, o que foi escolhido para restabelecer o futuro. Esta glória, contudo, não é automática, mas deverá passar pelo peso da entrega, do resgate. É assim que, na teologia desta perícopé natalina, já se esboça claramente a teologia da Cruz, da morte do Justo para o resgate de muitos.

No v. 14 aparece o termo “povo”, ligado ao Deus que se manifestou em Jesus Cristo. Isto parece fazer eco ao anúncio de Isaías a respeito do “povo que andava nas trevas e viu uma grande luz” (9, 1).

[15] ...nasceu para vós um Salvador... — O texto de Lucas é cheio de significados e sinais que ultrapassam uma simples narração. De fato, ele não é uma narração no sentido literal, mas a expressão da teofania da natividade. O sinal teofânico dos anjos marca esta expressão literária. Trata-se este texto, então, como uma “teofania”, mas de uma notável e transcendente importância.

O ambiente da teofania é contextualizado por alguns sinais: O tempo: “Cesar Augusto” e o decreto de recenseamento. O lugar: por ser da família e da descendência de Davi, José vai até Belém. As pessoas: José, Maria, o filho primogênito. A estes acrescentam-se os pastores. O anjo e a multidão da corte celeste compõem o quadro da teofania, dando-lhe clara indicação.

José tem papel de destaque neste narração teofânica. Ele decide ir, cumprindo a ordem de Cesar. Vai até a cidade de Davi, Belém, com sua esposa. Os dias se completam e ...*ela deu à luz seu filho primogênito* (v. 7). Note-se algo interessante: no texto grego a leitura mais confiável para este versículo não apresenta o nome “Maria”, mas apenas o pronome pessoal, terceira pessoa singular “ela”. Ela deu à luz! O pronome “ela” liga-se ao nome Maria, do v. 5. Claro que o leitor compreende que o “ela” refere-se a Maria que dá à luz.

É notável que no texto grego, como já foi dito, não está o nome Maria no v. 7, e sim o pronome que a ela se refere. O texto litúrgico, contudo, apresenta o nome Maria. O curioso é que esta não é uma variante do texto grego! Tampouco está no texto da Vulgata ou da Neo-Vulgata. Fica a questão: de onde veio esta inclusão do nome no lugar do pronome?

Isto parece ser uma facilitação de leitura da parte dos organizadores do texto bíblico litúrgico. Talvez para eles não ficasse claro quem teria dado à luz. De fato encontra-se esta formulação do texto, nas traduções portuguesas (além da tradução litúrgica) apenas na edição da Bíblia Ave Maria.

O que há não é uma omissão do nome Maria no versículo e sim um acréscimo do mesmo nome. O fato de “ela ter dado à luz seu filho primogênito” remete o “ela” à espécie humana no gênero feminino, tal como o texto de Gênesis 3,15, onde se lê, no contexto da inimizade entre a mulher e a serpente, que “...ela te esmagará a cabeça...”. A mulher é a espécie humana, a humanidade; a serpente é o maligno que interfere na história livre e responsável do ser humano.

Ao dizer que “ela deu à luz seu filho primogênito” o evangelho afirma que o nascimento de Jesus é um nascimento humano. Talvez seja a teofania que dá lugar ao ato da natureza. Toda teofania tem como pano de fundo uma experiência humana fundamental com o Deus da Aliança. A experiência humana fundamental aqui é o nascimento do Messias, um filho primogênito, que por isso mesmo deve ser resgatado como todo primogênito.

Os pastores ocupam o lugar de primeiros ouvintes do Evangelho. Sim, os mais pobres dos pobres são os que primeiro conhecem a notícia do nascimento do Messias. Este Messias não causará afastamento, mas atrairá, pois é uma simples, frágil e indefesa criança recém-nascida. Ele atrai e encanta.

Os pastores ouviram o anúncio angélico e respondem rápido ao convite da alegre notícia (do Evangelho). Uma curiosa interpretação cristã, paralela a este texto e apoiada em Isaías aparecem nas mais antigas representações da natividade. Em Isaías 1,3 encontra-se o oráculo: *O boi conhece o seu dono, e o jumento, a manjedoura do seu senhor, mas Israel é incapaz de conhecer, o meu povo não pode entender.* Este texto encontra alguma referência ou complemento em Jeremias 8,7, onde se lê: *Até a cegonha no céu conhece o seu tempo; a pomba, a andorinha e o grou observam o tempo de sua migração. Mas o meu povo não conhece o direito do Senhor!*

A imaginação cristã associou o boi ou vaca e o jumento ou asno ao nascimento do Messias e os colocou nas representações de tal momento. É assim e por isso que eles aparecem nas representações de presépios, mas muito antes deles, em antigos afrescos ou baixos-relevos — para lembrar que Israel não reconheceu, na criança recém-nascida, o Emmanuel anunciado pelos Profetas.

É de se notar também a insistência na herança messiânico-davídica de Jesus, com a afirmação de José ser da família e da descendência de Davi. “Família” e “descendência”: como se não bastasse uma ou outra aparecem as duas! E ele vai até a cidade de Belém, que é a cidade de Davi. É a messianidade de Jesus que está em destaque e é declarada solenemente nos versículos da natividade. E o messianismo está sempre em relação à salvação.

O sinal do Salvador, o Cristo Senhor, é o recém-nascido envolto em faixas e deitado na manjedoura. Seguramente o que aqui está em evidência é a fragilidade do agente da Salvação. Assim como no Antigo Testamento os comissionados para a missão tendem a ser frágeis, demonstrando que a força de Deus é maior do que a sua própria força, o Salvador da Nova Aliança, que é Cristo e Senhor, assume a figura de um recém-nascido — nada mais frágil e

suscetível pode existir. Mas é nele que a história tem sentido. A Salvação continua como no Antigo Testamento — o Messias davídico surge na sua fraqueza, e restabelece a paz.

P. Mauro Negro, OSJ
São Paulo, 24 de Dezembro de 2010